

# MACABÉA E AKAKI NO CAMPO DOS CONTROLES DISCURSIVOS

MACABÉA AND AKAKI AND THE DISCURSIVE CONTROL

MACABÉA Y AKAKI EN EL CAMPO DE LOS CONTROLES DISCURSIVOS

*Lilliân Alves BORGES\**

*Marisa Martins GAMA-KHALIL\*\**

**Resumo:** O estudo apresentado parte da análise sobre como ocorre o silenciamento discursivo dos personagens Macabéa do romance *A hora da estrela* de Clarice Lispector e Akaki do conto *O capote* de Nikolai Gogol. Para compreender como acontece esse silenciamento discursivo dos personagens, partimos das reflexões foucaultianas, primordialmente a partir do primeiro grupo de controle do discurso - interdição, segregação e vontade de verdade - exposto em *A ordem do discurso*, cuja teoria possibilita entendermos como esses dois personagens são, desde o início das narrativas, destituídos de narrar suas próprias histórias, sendo ambos mostrados como inaptos para lidar com a palavra, portanto, um terceiro sujeito, um narrador, assume a posição de contar as histórias deles, silenciando-os. Será articulada também como base teórica uma entrevista que Michel Foucault concedeu a Stephen Riggins, cujo tema é "Silêncio, sexo e verdade".

**Palavras-Chave:** Literatura; interdição; segregação; vontade de verdade; silenciamento.

**Abstract:** This study analyzes the discursive silence of characters Macabea, in Clarice Lispector's novel "A Hora da Estrela" / The Hour of the Star (2017), and Akaki in Nikolai Gogol's short story "The Overcoat" (2000). The characters' discursive silence is based on Foucault's reflections about the first group of discursive control – interdiction, segregation and the will to truth – in the book "The Order of the Discourse" (2014). These concepts of control in discourse let us to understand how Macabea and Akaki had been silenced and shown inapt to deal with the words since the beginning of the narratives, therefore, other one, the narrator, takes the position to

---

\* Doutoranda no Curso de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Vice-líder do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas/CNPq. Contato: lillianborges85@gmail.com.

\*\* Doutora em Estudos Literários pela UNESP; pós-doutorado pela Universidade de Coimbra/CAPES; professora da Universidade Federal de Uberlândia, atuando no Curso de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e no PROFLETRAS; líder do GT/ANPOLL Vertente do Insólito Ficcional; líder do Grupo de Pesquisa em Espacialidades Artísticas/CNPq; bolsista Produtividade em Pesquisa/CNPq. Contato: mmgama@gmail.com.

tell those stories. Michel Foucault's interview to Stephen Riggins about "Silence, Sex and Truth" will also be articulated as theoretical basis.

**Keywords:** Literature; interdiction; segregation; the will to truth; discursive silence.

**Resumen:** El estudio que se presenta parte del análisis sobre cómo ocurre el silenciamiento discursivo de los personajes Macabéa, de la novela *La hora de la estrella* (2017) de Clarice Lispector, y Akaki, del cuento "El capote", de Nikolai Gogol. Para mejor comprender como sucede ese silenciamiento discursivo de los personajes, se partirá de las reflexiones foucaultianas, sobre todo a partir del primer grupo de control del discurso – interdicción ("la palabra prohibida"), segregación ("separación de la locura") y voluntad de verdad – expuesto en *El orden del discurso* (2014), cuya teoría posibilita que comprendamos como a los dos personajes son, desde el comienzo de las narrativas, se les destituye narrar sus propias historias, puesto que ambos son presentados como inaptos a lidiar con la palabra; por lo tanto, un tercer sujeto, un narrador, asume la posición de contar sus historias, silenciándolos. Se articulará aún como base teórica una entrevista que Michel Foucault concedió a Stephen Riggins, cuyo tema es "Silencio, sexo y verdad".

**Palabras clave:** Literatura; Interdicción; Segregación; Voluntad de verdad; Silenciamiento.

Neste artigo, propomos verificar como ocorre o silenciamento discursivo dos personagens protagonistas de duas obras distintas - *A hora da estrela* (2017) de Clarice Lispector e *O capote* de Nikolai Gogol - procurando compreender o seu efeito para a constituição de sentidos.

Em *A hora da estrela* (2017), o narrador nomeado Rodrigo S.M. afirma: "o que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida" (LISPECTOR, 2017, p. 49). A vida de quem ele irá narrar a história é Macabéa, uma nordestina como

[...] há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que *são facilmente substituíveis* e que tanto existiriam como não existiriam (LISPECTOR, 2017, p.49, grifo nosso).

Conforme se percebe no excerto citado, Macabéa, como qualquer outra nordestina retirante que se mudou para a cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, é um personagem

descrito como um sujeito invisível na sociedade, conforme mesmo afirma o narrador de sua história por meio da expressão: “são facilmente substituíveis”. O narrador ainda descreve Macabéa como uma moça que “mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (LISPECTOR, 2017, p.49), além de que ela

[...] não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão. É que ‘quem sou eu?’ provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto (LISPECTOR, 2017, p.50).

Pelo modo como narrador Rodrigo S.M. descreve a protagonista de sua narrativa, conseguimos depreender algumas características: substituível, que não faz falta a ninguém, inútil; possui um corpo feio, magro; além de ser incompleta. Ela não ousa se conhecer, questionar sua própria identidade, logo não existe socialmente. E, por não existir, o narrador fala por ela: “Porque há o direito ao grito. Então eu grito” (LISPECTOR, 2017, p.49). O narrador afirma que existe o direito de dizer, porém não para Macabéa. Ela deve permanecer em silêncio, destinada a reconhecer a sua insignificância social, e por isso o narrador toma para si a tarefa social de “gritar” por ela.

Se nosso objeto de estudo é o silenciamento dos sujeitos, torna-se importante analisar a afirmação do narrador sobre a possível incompletude de Macabéa, uma vez que, em seu ponto de vista, quem se indaga, quem expõe suas dúvidas, pode ser caracterizado como um sujeito incompleto. Nessa ótica, que é a perspectiva de uma sociedade capitalista e de consumo, haveria os sujeitos completos e os incompletos; os primeiros seriam constituídos pela razão e pela certeza; os segundos, pela dúvida, pelos questionamentos sobre si e sobre o mundo. Acontece que o narrador, que se coloca em um plano superior ao de Macabéa, comete um equívoco grave, porque, se considerarmos, por exemplo, a perspectiva de Lacan e de outros estudiosos, todos os sujeitos seriam constitutivamente incompletos, como nos elucida Maria Cristina Leandro Ferreira:

Para Lacan, para que uma coisa exista é preciso que haja um furo em algum lugar. O sujeito do inconsciente nasce nesse furo, nesse lugar vazio, onde se ergue o obstáculo de uma impossibilidade. O real escapa à simbolização e se situa à margem da linguagem; não há meio de apreendê-lo a não ser pelo simbólico. Real e furo estão, portanto, intimamente articulados. Tanto o sujeito quanto a linguagem comportariam esse furo (FERREIRA, 2010, p. 9).

O sujeito seria, assim, na perspectiva de Lacan, um ser-em-falta e sua linguagem também seria um discurso constituído por furos, por vazios e interrogações. Nesse sentido, Rodrigo S.M. é portador de uma imagem equivocada sobre o sujeito e sua linguagem e, sendo assim, sua possível superioridade sobre Macabéa pode ser questionada.

Semelhante ao que ocorre na narrativa de Clarice Lispector, Nikolai Gogol traz a lume, em seu conto *O capote*, um personagem igualmente desprezado pela sociedade - Akaki Akakiévitch. O desprezo inicia desde o momento da escolha de seu nome no dia de seu nascimento:

“Vamos lá!, disse a acamada. É certamente um sinal do destino. Nestas condições, o melhor é lhe dar o nome do pai. O pai se chamava Akaki. Que o filho se chame Akaki.” Eis a razão pela qual nosso herói se chama Akaki Akakiévitch. A criança foi batizada e começou a chorar e a fazer caretas como se pressentisse que um dia seria conselheiro titular (GOGOL, 2000, p. 10, grifo nosso).

Sem saber que nome dar ao filho, a escolha parece aleatória, olhando em um pequeno livro nomes de crianças, como se até aquele momento não houvesse se preocupado com esse filho a nascer. O nome escolhido, por falta de opção, é o de seu pai, o qual exercia a função de conselheiro titular, logo, como se já soubesse o destino de sua vida, a criança chora. Assim, compreendemos que o destino de Akaki é marcado pelo desprezo, conforme observamos no excerto abaixo:

Ninguém lembrava em que época Akaki Akakiévitch havia ingressado no ministério e quem o havia recomendado. Por mais que mudassem os diretores, os chefes da divisão, os chefes de serviços e todos os demais, eles o encontravam sempre no mesmo lugar, na

mesma atitude, ocupado com a mesma tarefa expedicionária. [...] Ninguém lhe votava qualquer consideração (GOGOL, 2000, p.11).

Por meio das descrições que os narradores de ambas as narrativas realizam de seus protagonistas, é possível perceber que há um jogo discursivo semelhante, e é por meio desse jogo que tanto Akaki como Macabéa podem ser analisados enquanto sujeitos segregados. Por segregação, Foucault elucida: “existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição” (FOUCAULT, 2014a, p.10). A segregação opera, assim, por meio de dois movimentos - separação e rejeição - que apartam o sujeito e a sua palavra do meio do convívio com o outro. Desse modo, as presenças desses personagens não são nem ao menos consideradas, a não ser quando serão vilipendiados por seus colegas. É o que podemos constatar na passagem da narrativa de Gogol:

Seus colegas gastavam com ele o arsenal de gozações correntes no escritório. Contavam em sua presença toda espécie de *historietas inventadas a seu respeito*. [...] Jogavam papel picotado sobre sua cabeça, uma ‘precipitação de neve’, exclamavam (GOGOL, 2000, p.12, grifo nosso).

Akaki, assim como Macabéa, é um personagem desprezado pelas outras personagens, ninguém o conhece realmente, e sim somente o fato de ele não se encaixar naquela repartição pública, de não se integrar, na verdade, na vida como um todo, porque ele não segue as regras sociais impostas. Vejamos o trecho abaixo:

Havia sempre um fio, uma fitinha no momento preciso em que por ela eram atirados toda sorte de detritos. Como resultado, cascas de melão, de melancia e de outras bugigangas do mesmo gênero ornavam continuamente seu chapéu. Nem uma só vez em sua vida *ele prestou atenção ao espetáculo cotidiano da rua*, espetáculo ao qual os jovens funcionários dedicam olhares tão atentos que chegam a distinguir na calçada em frente uma presilha rasgando, o que traz a seus lábios invariavelmente um sorriso zombeteiro (GOGOL, 2000, p. 14, grifo nosso).

Pelo trecho supracitado, notamos que Akaki parece alheio a tudo o que acontece consigo e com o mundo, tanto que ele nunca

“prestou atenção ao espetáculo cotidiano da rua”, postura diferente de seus colegas de trabalho, os quais viam e queriam ser vistos, tanto que quaisquer detalhes não lhes escapavam. Nesse sentido, entendemos que exclusão social é o resultado e a consequência de um silenciamento discursivo dos personagens protagonistas das narrativas analisadas - Akaki e Macabéa.

Para compreender o silenciamento discursivo desses personagens, fazemos o questionamento de Foucault o nosso, indagando: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (FOUCAULT, 2014a, p.8). Para corroborar com essa indagação, trazemos à discussão as palavras de Michel Foucault em *A ordem do discurso*:

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014a, p.9).

Pelas palavras de Foucault, depreendemos que todo discurso proferido sofre alguma forma de interdição, porém no caso dos discursos dos personagens analisados, eles não possuem voz em grande parte da narrativa. Contudo mais do que possuírem um discurso interdito, conforme explicamos anteriormente, os protagonistas são analisados como sujeitos segregados, assim como são os loucos, as mulheres, os presos. Logo, entendemos que há sujeitos que são historicamente segregados e conseqüentemente seus discursos são nulos, não possuem relevância, e, de certa forma, são considerados como uma vontade de verdade interdita, ou seja, como uma não-verdade. Para assimilarmos melhor o conceito de vontade de verdade, remetemos à conceituação de Michel Foucault:

[...] a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura; todos aqueles, de Nietzsche a Artaud e a Bataille, devem agora nos servir de sinais,

altivos sem dúvida, para o trabalho de todo dia (FOUCAULT, 2014a, p.19-20).

É no interior desse jogo de poder que ocorre o silenciamento das vozes desses excluídos - Macabéa e Akaki -, já que ambos não se enquadram ao desejo da sociedade. Macabéa é feia, desengonçada, não sabe falar, não pensa: “- que ela era incompetente. Incompetente para a vida” (LISPECTOR, 2017, p.58). Akaki é recluso, não se preocupa com nada que refere à sua vida:

Voltando a sua casa, ele se colocava de imediato à mesa, engolia a sopa de couve acompanhada com um pedaço de carne acebolada. Engolia esta mistura sem perceber que gosto que tinha, juntamente com as moscas e todos os complementos que o bom Deus se dignara acrescentar conforme a estação (GOGOL, 2000, p. 14).

Ademais, Macabéa e Akaki viviam em função do trabalho, ambos eram copistas, e é copiando que eles fazem parte de uma coletividade, em que são considerados peças substituíveis ao aparecimento de qualquer possível “defeito”. Desse modo, compreendemos que o perigo de dar voz a esses personagens seria devido ao fato de se conceder voz aos segregados, aos desajustados, representaria fazer falar uma vontade de verdade ainda não dita ou dita apenas no espaço das margens.

Podemos relacionar o processo de segregação, movido pela separação e pela rejeição, com a censura, uma vez que esta é realizada por intermédio do silêncio de uns em contraposição ao espaço da voz concedida a outros. Concordando com Eni Orlandi, entendemos a censura como

[...] um processo que não trabalha apenas a divisão entre dizer e não-dizer mas aquela que impede o sujeito de trabalhar o movimento de sua identidade e elaborar a sua história de sentidos; a censura é então entendida como o processo pelo qual se procura não deixar o sentido ser elaborado historicamente para não adquirir força identitária, realidade social etc. (ORLANDI, 2007, p. 168).

Dessarte, negar a palavra ao outro e obrigá-lo ao silenciamento significa operar no sentido de tentar rasurar sua construção identitária.

Relevante enfatizar ainda que o silenciamento discursivo desses personagens ocorre também porque Macabéa e Akaki não conseguem se fazer compreender em seus curtos diálogos; assim sendo, os narradores de ambas as narrativas falam no lugar deles. Observemos nas citações:

É preciso saber que Akaki Akakiévitch se exprimia o mais das vezes por meio de advérbios, de preposições, ou seja, de partículas inteiramente desprovidas de sentido. Nas situações embaraçantes, ele não terminava suas frases e, muito frequentemente, depois de ter iniciado um discurso deste gênero: ‘É verdadeiramente de fato... não é...’, ele parava bruscamente acreditando ter dito tudo (GOGOL, 2000, p.20).

- Olhe, Macabéa...

- Olhe o quê?

- Não, meu Deus, não é “olhe” de ver, é “olhe” como que quando se quer que uma pessoa escute! Está me escutando?

- Tudinho, tudinho!

- Tudinho o quê, meu Deus, pois se eu ainda não falei! (LISPECTOR, 2017, p. 54).

Akaki e Macabéa tentam estabelecer um diálogo com seus interlocutores, mas não conseguem, dizem tudo pela metade, ou melhor, parecem não dizer; logo, o arremedo de diálogo é interrompido, seus discursos são criticados pelos outros personagens, causam desconforto tanto nesses quanto possivelmente nos leitores. De acordo com Foucault, há um “vazio fundamental onde as palavras faltam, onde o pensamento falta a si mesmo, róí sua própria subsistência, desaba sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2016, p.46), ou seja, impossibilitados de falar, de pensar, e de encontrarem as palavras corretas para serem compreendidos no jogo dialógico, Akaki e Macabéa, no ponto de vista dos narradores, não sabem quem são, não constroem uma imagem de si, não ouvem suas próprias vozes, não conhecem suas existências.

Dessarte, mais uma vez questionamos: será mesmo que esses personagens não dizem nada? Será que no silenciamento deles não há um discurso outro? Retomando o pensamento foucaultiano: “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”

(FOUCAULT, 2014a, p.25). Dessa maneira, mesmo não dizendo, Akaki e Macabéa marcam seus lugares discursivos, lugares esses que pertencem aos excluídos, pois são sujeitos que sempre estiverem à margem da sociedade, segregados, e seus discursos silenciados. Silenciados por medo de dizer uma “verdade”, ou melhor, uma vontade de verdade daqueles que estão sempre existindo em função de um sistema. Suas vozes nunca são ouvidas e quando são é para corroborar com a efetivação de um jogo de poder no qual há um constante processo de alienação dos sujeitos.

Quando discurremos sobre alienação não estamos nos referindo ao senso comum, cuja noção remete ao fato de os sujeitos estarem alheios a questões políticas; mas primordialmente no sentido em que Karl Marx propõe, de que a alienação é usada com o intuito de os sujeitos não compreenderem o funcionamento da sociedade, respaldando, portanto, uma estrutura em que a desigualdade social é cada vez mais efetivada pelo silenciamento de vozes não desejadas pelo poder institucional. Esse processo de alienação pode ser comprovado pelo fato de que, em ambas as narrativas, Akaki e Macabéa só se reconhecem por meio da função exercida por eles no trabalho: são copistas. Fora da existência do trabalho, eles não existem, eles não conseguem encontrar as suas identidades. Não se distinguem, portanto, daqueles que estão dentro de uma massa oprimida e segregada.

A cobrança de uma sociedade que tem o discurso em seu centro gira em torno da palavra enunciada, entretanto não se considera o quanto o silêncio é pertinente e importante para a constituição do sujeito e de seu discurso. Michel Foucault (2014b), em entrevista a Stephen Riggins, observa que a nossa sociedade marginalizou o silêncio como uma forma de não expressão. O sentido negativo que porta o silêncio hoje é consequência de uma cultura que tem por obrigação o falar. Contudo, esclarece o filósofo francês, que na Roma e na Grécia antigas - matrizes culturais de nossa sociedade -, os jovens aprendiam que havia diversos modos de silêncio e que eles eram importantes às relações sociais; “O silêncio, à época, figurava um modo bem particular de relação com os outros” (FOUCAULT, 2014b, p. 193). Essa negação do discurso, que desencadeia o silenciamento, desencadeia-se, em grande escala, pela cultura que tem por centro o falar e esse contexto remete às palavras de Milan Kundera (1978, p.

96): “toda a vida do homem entre os seus semelhantes nada mais é do que um combate para se apossar do ouvido do outro”.

Apesar do controle discursivo, Macabéa e Akaki, em determinado momento das narrativas, vislumbram um “sopro de vida” para si mesmos, uma possibilidade de serem considerados sujeitos. Isso ocorre quando, primeiramente, Macabéa, ao sair da cartomante, acredita que ficará rica ao se casar com um homem estrangeiro. Já com Akaki acontece quando ele manda fazer um novo casaco para si mesmo se vê sendo convidado pelos colegas para festas quando esses últimos acreditam que Akaki está deixando a sua vida reclusa e sem luxos no passado. Porém, esse “sopro de vida” não se efetiva, Macabéa é atropelada por um Mercedes amarelo; Akaki adocece de tristeza por ter tido o casaco roubado. Tudo acaba com o silenciamento final: ambos morrem no desfecho de suas histórias.

### **Considerações Finais**

Nesta nossa análise, buscamos mostrar por meio especialmente do primeiro grupo de controle do discurso proposto por Michel Foucault em *A ordem do discurso* - interdição, segregação e vontade de verdade - como as forças discursivas estão impressas nessas narrativas a ponto de impelir que tanto Macabéa quanto Akaki sejam silenciados e como as instâncias de poder demarcam lugares sociais e discursivos.

São personagens silenciosas ou silenciadas? O não-discurso desses personagens implica o silenciamento que lhes é imposto. Se falam por preposições, advérbios, interrogações, por fragmentos de linguagem é em função de, em primeiro lugar, o discurso não ser dado a elas, como uma consequência da interdição e esta conduz à segregação da voz desses personagens e, em consequência, à segregação social que lhes é imputada. Em segundo lugar, é necessário compreender que o silêncio, nesta nossa sociedade, é um discurso proibido. Quem fala mais, nesse entendimento, teria mais chances de subjugar o outro, impor-lhe sua vontade de verdade, como ocorre com os narradores das duas narrativas. Ainda que projetem discursos de equívocos, eles falam e, com isso, poderão seduzir aqueles que os escutam e que os leem. Eles têm a necessidade de serem ouvidos e por isso precisam interditar, segregar, censurar o outro, ainda que esse outro seja o protagonista da história que narram.

## Referências

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, v. 24, n. 48. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IX**: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, Michel. O silêncio dos loucos. In: \_\_\_\_\_. **A grande estrangeira**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p.

GOGOL, Nikolai. **O capote e O retrato**. Tradução de Roberto Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2000.

KUNDERA, Milan. **O livro do riso e do esquecimento**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

*Recebido em: 10/07/2017*

*Aceito em: 08/08/2017*